REVISTA MACAMBIRA
LABORATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS, RURALIDADES E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL
Volume 3. Número 1. 2019. ISSN 2594 - 4754

ARTIGO / ARTICL
DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v3i1.247

O OLHAR DAS ÍNDIAS DA ALDEIA TUPINAMBÁ IGALHA SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS

THE VIEW OF THE INDIGENOUS WOMEN OF THE TUPINAMBÁ IGALHA VILLAGE ON MEDICINAL PLANTS

Rilvaynia Dantas Soares
https://orcid.org/0000-0002-4736-5483
Engenheira Agrônoma, Mestre em Agronomia. Docente no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Uruçuca.
E-mail: rilvaynia.soares@ifbaiano.edu.br

Ariana Reis Messias Fernandes de Oliveira
https://orcid.org/0000-0002-8086-4831
Engenheira Agrônoma, Doutora em Recursos genéticos vegetais. Docente no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Uruçuca.
E-mail: ariana.oliveira@ifbaiano.edu.br

Gabrielle Bahia dos Anjos
https://orcid.org/0000-0002-6085-5364
Tecnóloga em Agroecologia Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Uruçuca.

Cosmira Vieira dos Santos
https://orcid.org/0000-0002-7061-1910
Tecnóloga em Agroecologia Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Uruçuca.

Fabiana Barbosa Reis
https://orcid.org/0000-0003-4537-4586
Tecnóloga em Agroecologia Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Uruçuca.

Recebido: 14 de dezembro de 2019 Aceito: 20 de fevereiro de 2020

RESUMO: "O olhar das mulheres indígenas sobre as plantas medicinais" foi um projeto de extensão que aconteceu no ano de 2018, financiado pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano. Neste projeto foram realizadas rodas de conversa com as índias das aldeias para saber o olhar delas sobre as plantas medicinais que elas utilizavam. Foi possível observar que elas possuem um vasto conhecimento sobre as plantas medicinais, no entanto, acreditam que esse conhecimento está sendo perdido, pois os mais jovens não valorizam. Elas utilizam além das plantas medicinais na cura de doença, o serviço de saúde com medicamentos alopáticos, principalmente para controle de doenças como hipertensão e diabetes. Após a realização das rodas e coletas de dados, as bolsistas retornaram para montar uma horta na escola infantil. Esse projeto possibilitou a formação de extensionistas mais conscientes da importância do conhecimento indígena e de se preservar esse conhecimento, respeitando-o.
Palavras-chave: Extensão rural. Conhecimento indígena. Conhecimento tradicional.

ABSTRACT: "The view of indigenous women on medicinal plants" was an extension project that took place in 2018, funded by the Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano. In this project, conversations were held with the Indians of the villages to learn about the medicinal plants they used. It was possible to observe that they have a vast knowledge about medicinal plants, however they believe that this knowledge is being lost, as the younger ones do not value it. In addition to medicinal plants, they use the health service with allopathic medicines, mainly to control diseases such as hypertension and diabetes. After carrying out the rounds and collecting data, the scholarship holders returned to set up a vegetable garden at the children's school. This project made it possible to train extension workers who are more aware of the importance of indigenous knowledge and to preserve that knowledge, respecting it.
Keywords: Rural extension. Indigenous knowledge. Traditional knowledge.

INTRODUÇÃO

Plantas medicinais são aquelas que possuem princípios ativos que lhe conferem uma ação terapêutica; são usadas no alívio e cura de doenças nos animais e nos seres humanos. A utilização das plantas medicinais na cura de enfermidade é tão antiga quanto à própria humanidade. No Brasil, o uso medicinal de algumas plantas, sofreu influência, principalmente, de três povos: os índios, os portugueses e os africanos que foram escravizados. Os portugueses trouxeram em suas caravanas diversas plantas exóticas, entre elas, algumas medicinais. Muitas dessas espécies exóticas são usadas ainda hoje. Os africanos contribuíram com as espécies medicinais trazidas da África, que eram usadas não somente para cura de enfermidades, como também, nos rituais religiosos. Os índios que aqui viviam, antes da descoberta do Brasil, já faziam uso de diversas espécies medicinais nativas para a cura de doenças. Essas espécies são de extrema importância, e esse conhecimento tradicional não pode ser desprezado e esquecido. Como ressaltam os pesquisadores Lindenmaier e Putzke, 2011 parte do conhecimento tradicional que se tem sobre plantas medicinais, provavelmente se origina a partir dos indígenas.

O conhecimento tradicional indígena é indispensável na evolução da humanidade, principalmente no que diz respeito às plantas medicinais, já que muitas são usadas ainda hoje na cura de doenças. Além disso, estudos como este podem ser importantes pois, segundo Hoeffel *et al.*, 2011, a preservação do conhecimento cultural de populações pode, também, auxiliar o manejo e viabilizar a conservação de áreas naturais.

Perder esse conhecimento é perder uma parte importante da nossa própria história. O conhecimento tradicional, de acordo com Oliveira (2014), é uma referência à soma de métodos adquiridos através de uma sociedade por meio do tempo.

Diante do exposto, o objetivo do Projeto foi realizar uma roda de conversa com mulheres indígenas sobre o uso de plantas medicinais, identificando e catalogando as ervas medicinais mais utilizadas pelas mulheres indígenas da aldeia tupinambá Igalha, Olivença – Bahia e sua importância para as famílias que as utilizam.

DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

Foram realizados encontros na aldeia tupinambá Igalha, Olivença – Bahia, conforme disponibilidade das índias e da associação de mulheres. À primeira visita, a aldeia foi realizada com o objetivo de apresentar o projeto aos líderes da aldeia, ao Cacique, e a coordenadora da associação de mulheres.

Figura 1 - Mulheres indígenas da aldeia Tupinambá Igalha – Olivença, 2018. (Arquivo pessoal: ANJOS, G.).



Durante conversa com a líder das mulheres indígenas, ficou decidido que ela iria marcar uma reunião com todas as mulheres e, portanto, foi determinado que a próxima visita seria no mês seguinte. A segunda visita à aldeia foi realizada e estava presente um número significativo de mulheres na reunião, com idade de 21 a 82 anos. Nas visitas seguintes foram

realizadas rodas de conversa com o objetivo de saber se as mulheres indígenas faziam uso de plantas medicinais no tratamento de doenças e rituais religiosos.

Elas relataram que fazem uso das plantas medicinais no tratamento das doenças, porém, apesar de terem um rico conhecimento com as plantas medicinais, fazem uso de medicamentos químicos, pois a maioria dos adultos sofrem com hipertensão e diabetes e precisam fazer o controle dessas doenças com os medicamentos sintéticos. Na bibliografia consultada foi possível também perceber essa mudança de comportamento, pois de acordo com Vasconcelos e Cunha (2013) ao direcionar perguntas à aldeia estudada para questões relativas à utilização de medicina "ocidental", percebeu-se que a maioria (60%) já utilizam tais serviços de forma cotidiana, no entanto, como também acontece na aldeia estudada aqui, algumas pessoas da aldeia precisam de medicamentos sintéticos em virtude de doenças que necessitam de um controle mais rigoroso e, mesmo diante do exposto eles não abandonam as plantas e não duvidam do seu poder de cura.

Quando perguntado quais as doenças que mais os afligem, a resposta foi unânime: os adultos sofrem com hipertensão e diabetes e as crianças com bicho geográfico, frieira e bicho de porco. Em um estudo realizado por Rocha e Marisco (2016, p.159) com levantamentos etnobotânicos em comunidades indígenas no Brasil, as autoras relataram que:

> As doenças mais tratadas com plantas medicinais nas comunidades indígenas estão relacionadas a doenças do aparelho digestivo, as quais foram relatadas em todas as regiões brasileiras, seguidas do aparelho respiratório, e da categoria sintomas e sinais gerais que está relacionada com sintomas como dor de cabeça e febre.

Gripe, dor de cabeça e inflamação foram algumas das doenças relatadas pelos indígenas potiguaras da aldeia São Francisco, Litoral Norte da Paraíba, segundo estudo realizado por Vasconcelos e Cunha (2013).

Nas rodas de conversas as índias relataram que adquiriram o conhecimento de preparar remédios com plantas medicinais com seus antepassados e que encontram as ervas que utilizam na própria aldeia e que sabem da importância do conhecimento que possuem. Relataram ainda que buscam passar as tradições para os jovens, porém, a maioria dos jovens da aldeia não valorizam esse conhecimento e que são poucos que mantém a tradição. Alguns jovens da aldeia quando ficam doentes, dependendo da doença, se tratam com plantas medicinais, porém a maioria busca atendimento no posto médico.

O Chá foi a forma de uso mais citadas entre as índias (Quadro 1), o que corrobora com o levantamento realizado no trabalho de Rocha e Marisco (2016), quando citam que Chá e infusão foram as principais formas de uso de plantas para fins medicinais por

indígenas, independente da região brasileira outras formas de uso também foram citadas com menor frequência, como: maceração, tintura alcoólica e decocção. A folha foi a parte da planta mais citada para o uso.

As plantas mais utilizadas pelas índias na aldeia Tupinambá Igalha são: capim santo, canela de velho, hortelã, erva-cidreira e malmequer. Muitas das plantas que são utilizadas na aldeia são cultivadas pelos próprios índios e as que não são cultivadas podem ser encontradas espontaneamente nas proximidades. Já em pesquisa realizada por Leite e Marinho (2014) em comunidade indígena no município de Baía da Traição-PB, foi possível verificar que o capim-santo foi a que apresentou maior frequência de citações, seguida do barbatimão, aroeira, hortelã-miúda, o mastruz, a colônia e a erva cidreira.

Figura 2. Mulheres indígenas da aldeia Tupinambá Igalha, segunda roda de conversa – Olivença, 2018. (Arquivo pessoal: ANJOS, G.).



Em uma das visitas foi realizada uma dinâmica para entender o conhecimento dessas plantas medicinais que são usadas por elas e que estão tão próximas, muitas vezes nos quintais. A dinâmica consistia em que cada mulher pegasse uma planta que mais usa na aldeia e nos apresentasse, explicando o nome daquela planta, para que serve e como é feita. O quintal, de acordo com Leite e Marinho (2014) é o ambiente mais explorado para coleta e cultivo das espécies medicinais. Com essa dinâmica foram coletadas informações sobre as plantas utilizadas para cura de alguma enfermidade, assim como algumas espécies foram doadas pelas índias e levadas ao Instituto para posterior plantio no Horto de Plantas medicinais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Uruçuca. As plantas medicinais citadas estão descritas no quadro abaixo.

Uma forma de preservar o conhecimento dessas mulheres é promover a troca de experiências com os jovens do local para que estes se sintam estimulados a preservar as tradições dos seus ancestrais. De acordo com Lindenmaier e Putzke (2011), a influência de outras culturas sobre os indígenas favorece para adição de outras plantas de diferentes localidades geográficas em seu conhecimento. Segundo Bastos (2007), em algumas sociedades tradicionais, o conhecimento sobre o poder curativo das plantas, foi e continua sendo transmitido oralmente às gerações posteriores. O registro escrito, também pode ser uma forma de eternizar todo esse conhecimento, o que reforça a importância da pesquisa científica com essas comunidades.

É importante e imprescindível salientar que esse artigo não indica nenhuma das plantas citadas, em qualquer tratamento de doenças. Esse artigo apenas faz um levantamento das plantas medicinais usadas pelas índias, demonstrando por elas total respeito, como também pelo conhecimento popular que elas possuem e que são transmitidos para futuras gerações e não devem ser perdidos.

Quadro 1. Plantas utilizadas, utilização na medicina popular e modo de preparo, de acordo com as mulheres indígenas da aldeia.

PLANTAS	PARA QUE SERVE?	COMO SÃO PREPARADAS?
Alumã	Queda de cabelo	Triturar as folhas no liquidificador juntamente com água.
Alumã	Dores estomacais	Chá
Alfazema	Hipertensão	Chá
Nin	Diabetes	Chá
Água de alho	Hipertensão	Dentes de alho na água
Quiabo	Diabetes	Quiabo na água
Algodão	Solta catarro	Bater com leite
Algodão	Corrimento vaginal	Chá
Canela de velho	Dores nas articulações, inflamação e diarreia	Chá
None (fruto)	Tratamento do Câncer	Bater a polpa com vinho branco
None (folha)	Anti-inflamatório	Chá
Capim santo	Hipertensão	Chá
Malmequer	Tratar Doenças estomacais e úlcera	Sumo das folhas com leite e mel
Malmequer	Tosse	Flores (xarope)
Folha da costa	Tosse	Xarope
Erva cidreira	Hipertensão	Chá
Alfavaca de cobra	Sarampo e diarreia	Chá
Alfavaca de cobra	Tratar Doenças estomacais	-
Sabugueiro	Tratar envelhecimento precoce	-

Bucha paulista	Sinusite	Chá
Boldo	Dores abdominais, digestão, cólica	Chá, maceração
Mastruz	Serve como anti-inflamatório	Chá e folhas maceradas
Hortelã grosso	Tratamento da gripe	Xarope
Elixir paregórico	Tratamento da cólica	Chá
Erva-doce	Tratamento da cólica (criança)	Chá
Hortelã	Tratamento da verminose	Chá
Melissa	Calmante, controle da pressão, dor de barriga	Chá
Nim	Diabetes, colesterol, inflamação	Chá
Nim	Inchaço	Imersão no álcool
Malva Branca	Inflamação	Chá
Bezetacil	Inflamação	Chá
Manjericão	Febre e gripe	Chá e sumo
Quioiô branco	Gripe	Xarope
Graviola (folha)	Veneno de cobra e cura de câncer	Tirar sumo com um pedaço de carvão

Segundo Rocha e Marisco (2016) estudos etnobotânicos com comunidades indígenas podem ser considerados de grande importância, já que esses estudos favorecem para preservação do conhecimento indígena bem como para estudos fitoquímicos e farmacológicos a fim de avaliar as propriedades terapêuticas das plantas citadas, até mesmo o seu potencial toxicológico.

No momento das entrevistas para a pesquisa percebeu-se grande orgulho das mulheres com relação aos seus conhecimentos empíricos. Atualmente, as mulheres indígenas estão nas articulações sociais e políticas, nas discussões sobre o patrimônio indígena e escola (BENITES, 2017) e na luta pela valorização dos saberes tradicionais (DOLLIS, 2017).

CONSIDERAÇÕES

As índias da aldeia Igalha possuem um vasto conhecimento sobre as plantas medicinais que utilizam na cura de doenças e entendem a importância que esse conhecimento seja repassado as futuras gerações, pois foi a forma que aprenderam, de geração para geração. A experiência com as índias transformou as extensionistas envolvidas no projeto, que passaram a respeitar ainda mais o conhecimento tradicional das índias e a respeitá-lo.

Com a troca de saberes e dinâmicas, algumas das plantas medicinais foram coletadas e trazidas, com autorização das índias para serem multiplicadas, e com isso as alunas montaram o Horto de Plantas Medicinais no IF Baiano *Campus* Uruçuca

Algumas dificuldades foram encontradas no desenvolvimento do projeto, principalmente relacionadas ao retorno das alunas para finalizar a horta na escola, visto que, o tempo do projeto foi curto para uma ação de extensão mais efetiva.

AGRADECIMENTOS

Ao IFBaino e PROEX pelo financiamento do Projeto e bolsas.

Ao Cacique por permitir a entrada na aldeia.

Em especial as índias da aldeia Tupinambã Igalha Maria das Neves S., Joselita Santos M. Melgaço, Geni Braz dos Santos, Sueli Guedes Felix dos Santos, Lucimara nascimento vila Nova, Edna Souza Amaral, Ana F. dos Santos, Edineia Bispo de Almeida, Ieda A. da silva, Janete Alves dos Santos do Carmo, Autacis Santos Oliveira, Ednalva Rocha dos Santos, Elaine Sousa dos Santos, Rosimeire Magalhães, Maria Raimunda C. Magalhães, Holga Santos e as demais que não foram citadas.

REFERÊNCIAS

BASTOS, G. M. Uso de preparações caseiras de plantas medicinais utilizadas no tratamento de doenças infecciosas. Fortaleza, 2007. 108 p. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Farmacêuticas). Universidade Federal do Ceará.

BENITES, Sandra. Viver na língua guarani nhandewa (mulher falando). 2017. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

DOLLIS, Nelly Barbosa Duarte. Nokẽ Mevi Revõsho Shovima Awe. 'O que é transformado pelas pontas das nossas mãos'. O trabalho manual dos Marubo do Rio Curuçá. 2017. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

HOEFFEL, J.L.M.; GONÇALVES, N.M.; FADINI, A.A.B.; SEIXAS, S.R.C. Conhecimento tradicional e uso de plantas medicinais nas APA's Cantareira/SP e Fernão Dias/MG. **Revista Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedad**e. Rio de Janeiro, [S. V.] n.1, p. 1-25, 2011. ISSN: 2238-1627.

LEITE, I. A., MARINHO, M. G. V. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em comunidade indígena no município de Baía da Traição-PB. **Biodiversidade** - V.13, N1, 2014 - pág. 82.

LINDENMAIER, D.S.; PUTZKE, J. Estudo etnobotânico em três comunidades Mbya/Guarani na região central do Rio Grande do Sul, Brasil. SciElo, **Revista Caderno de Pesquisa**, Série Biologia, v. 23, n.3, p. 6-18, Santa Cruz do Sul. 2011. ISSN: 1677- 5600.

OLIVEIRA, J. J. DE. Estudos etnobotânicos em Três Lagoas /MS e sua potencialidade como Atrativo Turístico. Três Lagoas, MS. **Dissertação** de Mestrado apresentada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Campo Grande. 2014.

ROCHA, R,. MARISCO, G. Estudos etnobotânicos em comunidades indígenas no Brasil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, Vol, 10(2), 95-219, Abr-Jun 2016.

VASCONCELOS, G. P. S. S. DE; CUNHA, E. V. L. DA. Levantamento de Plantas Medicinais Utilizadas por Indígenas Potiguaras da Aldeia São Francisco (Litoral Norte da Paraíba). **Gaia Scientia**, 15 maio 2015.